

## Para morrer basta estar vivo: um olhar sobre a morte violenta na coluna "Zona Franca" do jornal Diário dos Campos (Ponta Grossa, Paraná: 1976 – 1978)

*To die just be alive: a look at the violent death published in the column "Zona Franca" of the newspaper Diário dos Campos (Ponta Grossa, Paraná: 1976 – 1978)*



### RESUMO

A morte é uma das etapas da existência humana que tem sua explicação sustentada em diferentes pontos de vista que a princípio seguem linhas paralelas de compreensão, modificando-se no interior de culturas, crenças e sociedades. Nesse trabalho, tomamos a morte violenta como objeto de análise, buscando compreender como foi representada nas notícias publicadas no jornal Diário dos Campos da cidade de Ponta Grossa/PR, no espaço da coluna "Zona Franca", entre março de 1976 e março de 1978. A forma como as narrativas foram construídas nesse período, nos levaram a associá-las à perspectiva do jornalismo sensacionalista, compreendida aqui pelo tom de brincadeira das matérias, que se distanciavam do aspecto trágico que o relato revelava e expunham em vários momentos imagens das mutilações dos cadáveres.

**Palavras-Chave:** Morte e imprensa – Sensacionalismo – Violência – Cadáveres

### ABSTRACT

Death is one of the stages of human existence that has its explanation sustained in different points of view that at first follow parallel lines of understanding, changing within cultures, beliefs and societies. In this work, we take violent death as an object of analysis, trying to understand how it was represented in the news published in the newspaper Diário dos Campos in the city of Ponta Grossa/PR, in the space of the column "Zona Franca", between March 1976 and March 1978. The way narratives were constructed during this period led us to associate them with the perspective of sensational journalism, understood here by the joking tone of the articles, which were far from the tragic aspect that the story revealed and at various times exposed images of mutilations of the corpses.

**Keywords:** Death and the press - Sensationalism - Violence - Corpses

\* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Integrante do Mestrado Profissional em Ensino de História da UEPG e do Mestrado Acadêmico em História da UEPG.. CV: <http://lattes.cnpq.br/8411243746415020>

\*\* Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE). CV: <http://lattes.cnpq.br/2366305027351126>



**R**efletir sobre a vida humana e o que a envolve é certamente fazer uma viagem no tempo. Um tempo que não é somente tecido por referências numéricas, como dia, mês e ano, mas também por elementos que são mensuráveis como tensões, alegrias, símbolos e valores que interferem e constroem a existência dos indivíduos. Nos questionamentos que vão aparecendo como lampejo a partir do momento em que se interrompe o que está fazendo e o pensamento se direciona para entendera respeito de elementos que fazem parte do que está a nossa volta – quando se tenta compreender com mais afinco algo que faz parte da nossa existência, e se percebe que as dúvidas suscitadas permanecerão sem respostas, ou, que as respostas não são satisfatórias e esclarecedoras –, o sentimento que até então era curiosidade pode passar para o campo da angústia, evidenciando a limitação do homem perante o desconhecido.

Um exemplo da referência apresentada acima é a questão da morte, quando não se consegue ultrapassar o limite da compreensão de elementos que a envolvem e uma espécie de barreira nos é imposta, indicando que somente é possível chegar até determinado ponto, impedindo que se avance para mais adiante. Foi exatamente sobre essa etapa da existência humana que o presente trabalho se centrou, quando o morrer torna-se objeto de estudo e o que até então é visto como ponto final, transmuta de posição passando a ser um ponto de partida da busca por compreender como a imprensa escrita retratou esse instante final de indivíduos que tiveram sua vida encerrada de maneira violenta, sendo alvo de notícia na coluna "Zona Franca" do jornal Diário dos Campos, da cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná (PR), entre março de 1976 e março de 1978.<sup>1</sup>

Esse veículo de comunicação de periodicidade diária é o mais antigo impresso do interior do estado do Paraná. Fundado em 27 de abril de 1907, "foi o principal do hinterland paranaense até a década de 1950, situação que contribuiu para sua consolidação como o mais popular da região dos Campos Gerais do Paraná, meio produtor de informações e de discursos sobre o cotidiano dos ponta-grossenses" (Chaves e Petruski, 2013, p. 294). Contudo, a coluna somente integrou o conjunto desse jornal em 06 de março de 1976, permanecendo até setembro de 1990.

A partir da década de 1950, nota-se uma importante mudança na estrutura empresarial do jornalismo brasileiro. Com o salto da industrialização e o aumento da população urbana, a imprensa nacional ganhou novo fôlego e assumiu novos contornos. As empresas gráficas se reequiparam com máquinas vindas do exterior e expandiram sua capacidade de impressão (Chaves e Petruski, 2013, p. 295). Outro aspecto a salientar é que ao longo da história do jornalismo o tratamento dispensado pela mídia e pelo corpo editorial relacionado a essa perspectiva modificou-se textualmente, visualmente e esteticamente, no sentido de que essa fatalidade se tornou um produto a ser comercializado, uma vez que a narrativa textual e imagética apresentada promove a construção do imaginário do receptor da notícia.

A justificativa para o período de análise selecionado está centrada no distanciamento da estrutura discursiva apresentada pelo responsável da coluna, quando comparada com as demais

<sup>1</sup> Os exemplares do noticiário fazem parte do acervo do Museu Campos Gerais, cuja administração é da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

reportagens do periódico, principalmente no que se refere à forma de escrita. Esta se pautava em tons de brincadeira, utilizando-se termos e colocações que caminhavam na contramão da tragédia que as notícias continham. Outro elemento que justifica a escolha do recorte temporal diz respeito à exposição das imagens de cadáveres que sofreram morte violenta nas matérias jornalísticas. A maioria delas deixava à mostra as marcas da violência sobre o corpo morto a fim de impactar e chamar a atenção para as matérias. Devido à agressividade visual que as imagens podem representar para o leitor desse artigo optamos por não as apresentar aqui.<sup>2</sup>

Observando o testemunho capturado pela câmara em registrar o momento trágico sofrido pelo corpo, pode-se dizer que uma barreira invisível era imposta e separava o fotógrafo daquele que era fotografado, pois o instrumento distanciava sentimentos que porventura fossem aflorados no cenário presenciado. Este último evidenciava uma realidade que perpassava pelo universo de dor e sofrimento, da mesma forma que as folhas de papel impresso do jornal distanciavam os observadores da imagem capturada pelo fotógrafo. Porém, eram as palavras empregadas pelo redator, muito mais do que as imagens, que levavam a matéria a um modelo de estrutura de divulgação do que foi chamado de "jornalismo sensacionalista". Danilo Angrimani mencionou em seu livro, intitulado *Espreme que sai sangue*, o contexto que, na França, por exemplo, essa perspectiva jornalística se desenvolveu já desde a na origem do processo, entre 1560 e 1631, quando aparecem os primeiros jornais franceses – *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France* (Angrimani, 1995, p. 19).

Ainda, segundo este autor,

*Antes mesmo destes dois jornais, já haviam surgido brochuras, que eram chamadas de "occasionnels", onde predominavam "o exagero, a falsidade ou inverossimilhança [...] imprecisões e inexatidões". Esses "occasionnels" relatavam também fait divers. No século XIX, faziam muito sucesso na França os "canards", jornais populares de apenas uma página, impressos na parte frontal e que comportavam título, ilustração e texto. Os "canards" mais procurados, segundo Seguin, eram os que relatavam fait divers criminais: crianças martirizadas ou violadas, parricídios, cadáveres cortados em pedaços, queimados, enterrados. Assim como eclipses, grandes catástrofes, tremores de terra, inundações, desastres de trem, naufrágios (1995, p. 19).*

As produções acima citadas por Angrimani evocavam a emergência de diferentes sentimentos em relação aos acontecimentos. É nesse contexto que se encontra a origem da expressão sensacionalista. Os relatos externados chegavam a chocar os leitores, possibilitando aflorar emoções que transitam entre o horror e a piedade. Além do mais, estimulavam especulações e interpretações sobre o que foi retratado, gerando muitas "histórias" a partir dos múltiplos olhares lançados por aqueles que paravam para observar o que estava posto nas páginas do jornal.

Em relação ao conceito de "Imprensa Sensacionalista", Renée Barata Zicman (1985, p.

<sup>2</sup> Destacamos que nem todas as notas sobre os falecimentos aparecem acompanhadas de imagens e que, proporcionalmente, as que não possuíam o aparato visual eram em menor quantidade.

94) afirma que sua caracterização foi pautada por uma cultura da violência, acrescida da ideia de dramatização do cotidiano, quando indivíduos se deparavam com algo inesperado que rompia com sua rotina diária. Analisando a estrutura textual sensacionalista por outro ângulo, temos a interpretação de Ciro Marcondes Filho, que a observa a partir de efeitos provenientes de sentimentos atrelados a exacerbações das neuroses coletivas ou com o intuito de satisfazer "as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádicas, caluniadoras, ridicularizadoras das pessoas" (2009, p. 27). Nessa circunstância de análise, de acordo com o autor, a expressão "sensacionalista" se sustentaria numa carga pejorativa que passa distante de uma "informação jornalística e se expressa em uma lógica da sensação a partir da imediaticidade da experiência" (Marcondes Filho, 2009, p. 46).

Angrimani argumenta que, sem abordar a questão da morbidez, o termo sensacionalismo poderá ser utilizado para o tratamento que um periódico dá a crimes, desastres, sexo, escândalos e monstrosidades (1995, p. 54). Como exemplo deste tipo de argumentação, podemos citar as notícias do jornal Diário dos Campos publicadas nos dias 10 de dezembro de 1976, 24 de janeiro de 1977 e 24 de fevereiro de 1977 respectivamente, com os seguintes títulos: Cadáver estava com a cabeça mergulhada na valeta;<sup>3</sup> Crime diabólico abala a cidade: Cadáveres de dois jovens encontrados escalpelados e perversamente desfigurados;<sup>4</sup> Achado macabro nas margens da PR-15.<sup>5</sup> Dentre as imagens que acompanham as notícias mencionadas, a segunda é mais agressiva perante as demais – não que as outras também não sejam –, pois mostra detalhes da mutilação dos dois corpos feita quando aguardavam a liberação do necrotério. Inclusive o tamanho da estampa possibilitava observar com nitidez as atrocidades cometidas.

No que diz respeito à formatação para a divulgação dessa tipologia de notícias, Marcondes Filho (2009, p.47) destaca que normalmente sua construção se organizava com grandes títulos, textos condensados e muitas ilustrações, segundo sua pesquisa sobre as publicações na coluna "Zona Franca" no mesmo período analisado por nossa investigação. A construção da narrativa girava em torno de 150 a 300 palavras, na visão de Angrimani, sendo essa referência numérica um elemento textual identificador do gênero do jornalismo sensacionalista porque

*extraí do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece. A morte no jornal sensacionalista não pode ser signica. Isto é obedecendo à linguagem que se processa pelo clichê. Dessa forma, a morte sensação difere da morte dos filmes e seriados de TV, onde aparece identificada signicamente. A morte sensacionalista é narrada em linguagem clichê e admite nuclearização, por se referir a vários tipos de morte. Às vezes, o cadáver fará rir, às vezes, atrairá descargas projetivas sádicas, recalcadas, punitivas, vingativas; às vezes, tem um registro corriqueiro, às vezes, compõe uma história imaginosa (Angrimani, 1995, p. 56).*

Apesar de se tratar da informação de um momento trágico e que mexe com a

<sup>3</sup> UEPG, Museu Campos Gerais, *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, ano LXX, nº 23.824, 10/12/1976, p. 8.

<sup>4</sup> Idem, ano LXX, nº 23.868, 24/01/1977, p. 8.

<sup>5</sup> Idem.

sensibilidade dos indivíduos, a apresentação desse tipo de notícia construída nesse formato encontra receptividade e interesse por parte do leitor, dado que fundamenta sua permanência contínua no conjunto dos noticiários escritos de inúmeras cidades mundo afora, tanto a nível nacional quanto internacional.

Na linha de análise apresentada acima, Angrimani (1995, p. 59) elencou três aspectos que justificam o interesse do público pelas reportagens alusivas à morte violenta. Primeiramente, quando ela se associa ao nível pessoal, privado ou íntimo e que se circunscreve às chamadas notícias de interesse humano, quando há identificação do leitor com os protagonistas dos informes, colocando-se no lugar daquele que sofreu o ato de violência. O segundo se refere à distinção entre normalidade e anormalidade no ocorrido, quando prevalecem elementos que formam os valores sociais das pessoas, os quais são apresentados como pontos de sustentação para justificar a aceitação ou não do acontecimento. O terceiro é o que envolve as questões relativas à violência, agressividade e dor. É nessa última categoria apresentada pelo autor que o presente artigo transita, quando o morrer de forma violenta faz parte dos informes aos cidadãos.

## Um caminho de lados opostos

Viver e morrer são faces de uma mesma moeda. Ambas caminham lado a lado, em todo instante e lugar, unidas sincronicamente por uma linha tênue que pode ser rompida sem que se possa precisar o momento e o motivo exatos que culmina no fato do morrer. Aceitar essa colocação não é algo habitual nem simplista como pode aparentar. Mesmo sabendo que essa dualidade faz parte do cotidiano das pessoas, isso, talvez, passe distante porque se tenha muito mais coisas para pensar em relação à vida do que a morte, fazendo com que a separação entre esses pontos extremos aumente cada vez mais.

Embora viver e morrer façam parte de um processo natural da existência, o segundo ponto vem sendo subtraído do cotidiano dos indivíduos, com o encerramento da morte nos hospitais, longe dos familiares. Fato que coloca a morte nos últimos itens de uma tabela de desassossego de preocupações, que muitas vezes muda de escala quando adversidades vêm à tona, batendo à porta das pessoas que, como uma fagulha, acende uma luz para esse aspecto da existência humana. Dessa forma, o morrer não é encarado pelos homens da mesma maneira, visto que as bases para sua interpretação estão relacionadas à construção do seu mundo social ancoradas em mitos, tendências filosóficas ou convicções espirituais, com o objetivo de esclarecer ou mesmo dar sentido àquilo que está oculto, buscando pontes que tornem compreensível o que ainda, de certa forma, é desconhecido.

Em nossa atualidade, esse é um ponto sobre o qual muitos não gostam de falar e para justificar o silêncio não faltam argumentações. Dentre estas, podemos citar os sentimentos que o morrer evoca, as rupturas e descontinuidades que ela confirma ou, ainda, a constatação de que o homem é um ser finito e que a qualquer momento há a possibilidade de ser acometido pela chegada da morte, visto que faz parte de um futuro que é incerto e desconhecido.

Apesar das explicações e justificativas que sobre ela são dadas, não é possível evitá-



la, mas apenas criar artifícios para que se possa postergá-la na tentativa de viver mais e com mais qualidade. Observando as dificuldades para se abordar o tema, DaMatta afirma que "falar abertamente da morte define uma atitude moderna e destemida diante da vida, algo que denuncia um questionamento "científico" e uma atitude "tranquila" e resignada face a um momento que, um dia, espera-se, será decifrado como tudo mais" (1991, p. 146). Em relação à posição do autor, é necessário esclarecer que não são todas as pessoas que pensam o morrer dessa maneira – com a serenidade que a colocação direciona –, uma vez que ela não ocorre da mesma maneira, apesar de João José Reis afirmar – citando Freud – que o "objetivo derradeiro da vida é a sua própria extinção" (Reis, 1991, p. 73), pois com ela encerra-se um ciclo que não tem como ser evitado.

O que não se pode negar é que esse assunto ainda é um tema que causa controvérsia quando abordado, além de ser ocultado por muitas pessoas em rodas de conversa que se calam sobre o tema, preferindo não se pronunciar. Apesar da forma imperceptível e da não expressão verbal, como afirma Roberto DaMatta "fazemos parte de uma sociedade na qual os vivos têm relações permanentes com os mortos, mesmo que não se admita tal prerrogativa de forma direta" (1991, p. 146). Embora exista a tentativa de anular essa evidência, não podemos fugir desse vínculo que nos é imposto, pois somos seres inseridos em redes de relações que vão se atando ao longo da nossa existência, mas que também se quebram pelo fenômeno da morte.

Ao escrever sobre o morrer, o sociólogo alemão Norbert Elias afirmou que é algo difícil de ser encarado pelos que ficam, uma vez que os mortos não têm problemas e o conhecimento dessa prerrogativa que cria infortúnio para os seres humanos. De fato, como apontou o autor, são os que permanecem que vivenciam os reflexos do rompimento, pois estão inseridos numa teia, havendo necessidade de readaptação às novas circunstâncias (2001, p.10). Logo, sem sombra de dúvida, a morte atinge a todos. É uma condição universal, única e intransferível, situação que quando analisada com mais atenção fragiliza o indivíduo, posto que a vida tem sido construída deixando de lado esse elemento concreto. Quando, porém, ele se faz presente, vem a desordem. Segundo Reis, apesar de esperada em certas situações e em alguns casos específicos até desejada, representa ruptura no cotidiano, gerando necessidade de se reinventar na proporção que ocorre o rompimento de laços (Reis, 1991).

Do mesmo modo que é ambivalente entre os indivíduos, sociedades e culturas, esse assunto também o é academicamente, pois está pautado e sustentado por pressupostos teóricos e metodológicos diferentes, estabelecidos por pesquisadores que o compreendem sobre referenciais distintos, entre os quais estão as representações sociais, a construção de imaginários e as sensibilidades. Alguns nomes dos que já abordaram essa temática são Philippe Ariès (1981; 2003), Michel Vovelle (1991), Edgar Morin (1976), Roberto DaMatta (1991), Norbert Elias (1982 [2001]) Cláudia Rodrigues (2005).

Foi pelas mãos de Philippe Ariès (2003) que teve início o fazer historiográfico sobre o caminho oposto e paralelo da vida, quando o estudioso colocou nas páginas de seu livro História da Morte no Ocidente diferentes formas de conceber o momento da finitude, explanando-o por meio de rituais e costumes, apresentando-o numa linha temporal de longa duração tendo o

período medieval ocidental como recorte inicial. O estudioso, inicialmente, expôs as expressões macabras concebidas no mundo medieval, para, em seguida, tecer observações a respeito de práticas mais românticas desenvolvidas durante a modernidade, culminando com as práticas de ocultação a partir da segunda metade do século XX por inúmeros setores da população ocidental. A pesquisa bibliográfica nos mostrou que foi na França, entre as décadas de 1960 e 1970, que encontramos o ponto de partida para os estudos sobre esse tema. Após o caminho aberto por Ariès, outros autores seguiram suas trilhas, entre os quais está Michel Vovelle (1991) e Michel de Certeau (2008), que enfocam atitudes e comportamentos de homens e mulheres diante da morte. Para Michel Vovelle,

*A história da morte (...) guarda, dentro dessa rede complexa, um valor exemplar e específico, pois a morte representa um invariante ideal e essencial – a experiência humana. É um invariante relativo, todavia, visto que as relações dos homens com a morte se alteraram, como também a maneira como ela os atinge, embora a conclusão permaneça a mesma, é a morte... Eis porque, ao fim de toda aventura humana, a morte continua um revelador sensível (1991, p. 57).*

Não somente historiadores escreveram sobre o morrer, tendo sido também objeto de interesse de sociólogos, dentre os quais Norbert Elias, que a retratou em sua obra *A Solidão dos Moribundos*. Nesta, argumentou que na contemporaneidade somos muito mais sensíveis ao sofrimento e ao espetáculo da morte, comparativamente à Antiguidade ou à Idade Média. Atualmente, segundo ele, vige um espaço de identificação social maior do que antes em relação ao sofrimento alheio é maior do que em outros tempos (Elias, 2001, p. 10).

Na nossa atualidade, a comunicação impressa é um dos caminhos que aflora a sensibilidade humana em relação a morte, visto que a condução das informações construídas proporciona sentimentos múltiplos, como analisaremos a seguir.

## **A morte impressa: um acontecimento, muitas interpretações**

Ao analisarmos os relatos divulgados diariamente nos jornais, sejam os publicados em grandes ou pequenos centros urbanos, podemos constatar que o tempo presente é o recorte temporal que entrecruza a maioria das notícias. Comparativamente às que fazem referência a uma temporalidade mais distante, vemos que sua proporção chega próximo de cem por cento de todo o conjunto do informativo. Os assuntos noticiados são múltiplos, porém, alguns têm presença diária na sua pauta, como é o caso da comunicação do falecimento de pessoas.

No jornal *Diário dos Campos* essa característica não é diferente, pois são poucos os dias em que não é anunciada a morte de uma ou mais pessoas no espaço da sessão "Obituário". Todavia, de maneira eventual, encontramos essa comunicação em outro caderno do informativo e quando isso acontece, porém, é exceção. O motivo para a mudança de local da divulgação está relacionado na grande maioria das vezes à forma violenta como a morte ocorreu ou quando a pessoa falecida é mais conhecida na sociedade local ou nacional,

chegando a ter a publicação da morte na primeira página.

No noticiário ponta-grossense Diário dos Campos, contudo, além de serem divulgados na seção "Obituário", muitos dos informes sobre o falecimento dos munícipes também eram noticiados dentro do espaço da coluna "Zona Franca", na sessão destinada a publicar aspectos do dia a dia do município, nominada "A cidade em Revista". Quando inserida nesse caderno, a informação do passamento fugia da estrutura tradicional de divulgação que apenas mencionava nome, sexo, idade e filiação do morto, adquirindo a forma de texto.

No recorte temporal recoberto pela pesquisa aqui desenvolvida (março de 1976 a março de 1978), verificou-se que em 80% das vezes a coluna era posicionada na última página, no canto inferior direito. Quando publicadas nas páginas anteriores, ocupavam espaços a partir da quarta página. Ao analisarem a estruturação das matérias no corpo de um jornal, Fonteles Neto e Lima (2011, p. 243) apontam que elas passam pelo critério do "predomínio da hierarquia da informação", ou seja, as posições que ocupam nas páginas do noticiário estão condicionadas ao crivo do editor chefe que estabelece a classificação de relevância e abrangência da notícia, direcionando sua localização interna. No que diz respeito à autoria das notas da "Zona Franca", não foi possível identificá-la, pois nenhum nome ou pseudônimo foi referenciado ao longo de sua edição que remetesse ao responsável. O único indicativo encontrado estava localizado abaixo do título da coluna, a letra "C", grafado em caracteres maiúsculo, entre parênteses: "(C)".

Constatamos também que não havia padrão referente ao número de narrativas apresentadas no dia a dia, visto que variavam numa escala de seis a nove. Os assuntos abordados oscilavam entre roubos, furtos de animais, acidentes de trânsito, desafetos entre vizinhos, brigas domésticas e de ruas. O tema da morte não era o ponto central tratado, muito embora este estivesse presente, independentemente da circunstância que a acarretou: acidental, natural ou trágica. No caso de o falecimento tiver decorrido de forma violenta, o espaço de divulgação ocupado era mais amplo, comparativamente aos demais assuntos noticiados, sendo construído com uso de número maior de palavras.

Algo que chamou à atenção referente aos dias subsequentes à primeira publicação de cada caso dessa categoria de notícia foi a inexistência de desdobramentos dos casos de morte violenta em novas matérias. O que sugere que a divulgação do falecimento parecia ser objetivo principal da notícia. Não se avançava para dados da vida do indivíduo bem como do que estivesse em torno da morte, como se o virar da página daquela notícia de jornal encerrasse não somente o ciclo de vida, mas as circunstâncias do passamento daqueles indivíduos.

A morte física não provoca o desaparecimento do indivíduo na consciência dos vivos, uma vez que a lembrança daquele que morreu continua sendo uma forma de presença no mundo dos vivos. De acordo com Jean Ziegler, "a consciência não deixa de atribuir, pelo menos durante um período, alguma existência ao falecido" (1977, p. 29). Mesmo que muitos dos finados mencionados nas notícias do jornal aqui analisado possam ser considerados perante a maioria dos moradores da cidade como pessoas anônimas, eles perdem essa condição após a exposição da sua morte no jornal. Essa colocação pauta-se na dificuldade de se mensurar o acesso e a circularidade dessa modalidade de notícia entre os ponta-grossenses a partir desse veículo de comunicação.

De certa maneira, nos falecimentos anunciados pela coluna aqui investigada, as pessoas apareciam sem nenhum histórico de vida, dando a impressão de que não estavam ligados a uma família e de que não possuíam laços sociais, devido a maneira como se noticiava o que havia acontecido, sem menção a dados que ampliassem o conhecimento sobre as vítimas, uma vez que somente poucas referências sobre o fato eram fornecidas. O último momento desses indivíduos em seu plano físico se converteu em um caminho da dor por parte dos seus entes queridos, mesmo que estes apareçam nas notícias como sujeitos secundários no conjunto de vínculo social, em virtude de os olhares se voltarem mais para aquele que partiu do que para os que ficaram.

Em relação aos cenários em que os cadáveres foram encontrados verificou-se que eram diversificados, estando posicionados em ruas, interior de casas, trechos de estradas, campos e terrenos baldios. Neles, um lado dramático da condição humana era apresentado, em virtude de que o corpo sem vida era o foco central e, muitas vezes, estava exposto sem o menor constrangimento, podendo causar repugnância e mal-estar ao observador, dada à magnitude e agressividade de algumas situações. Essa era uma dura modalidade de representação da morte. Não que as outras não o fossem, mas devido ao grau de impacto que gerava, poderiam ser alvos de falatórios, pois as notícias apresentadas nem sempre eram esclarecedoras, fazendo com que terceiros tecessem conjecturas várias na tentativa de entender o que culminou naquela situação.

Examinando o tema por outro viés, também é possível observá-lo numa linha estatística e gráfica a partir da prerrogativa de que os falecidos formam um conjunto de dados numéricos inseridos em categorias de análises, tais como, sexo e faixa etária, que deixam de lado a singularidade de cada caso e a individualização do sujeito. Nessa linha de pensamento, estatisticamente falando, constatamos que 90% das publicações diziam respeito a pessoas do sexo masculino e 10% do feminino. Diante da conjuntura de publicar informações a respeito de falecimentos, apresenta-se a coluna inserida numa esfera dos mortos, embora esse não tenha sido o foco central, mas, a incorporação dessa temática em sua pauta vai ao encontro do que Zicman mencionou, quando analisou as escolhas feitas pelos responsáveis das publicações jornalísticas e que assim escreveu,

*devemos lembrar que na Imprensa a apresentação de notícias não é uma mera repetição de ocorrências e registros mas antes uma causa direta dos acontecimentos, onde as informações não são das ao azar mas ao contrário denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio 'filtro' (Zicman, 1985, p. 94).*

Para Norbert Elias, os parâmetros para se pensar e abordar a temática da morte é diferente entre os setores de comunicação. Segundo ele, não só os meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência de morte, que é variável e específica conforme os grupos e culturas, não importando quão natural e imutável possam parecer aos membros de cada sociedade (Elias, 2001, p.11).

Apesar das publicações da 'Zona Franca' tratarem de morte violenta, não foi encontrado registro sobre os falecimentos em chamada de manchetes na primeira página do jornal, ficando restritas as publicações no espaço da coluna. No quadro 1 podem ser observados na primeira coluna alguns dos temas mais presentes na perspectiva da morte que foram noticiados na seção "Zona Franca". Na segunda coluna apresentamos um exemplo de título da notícia relativa ao assunto indicado na coluna anterior.

Quadro 1. Modalidade de morte e títulos de notícias

Temas	Títulos
Acidentes	"Ônibus caiu na grota: 2 mortos e um montão de feridos" <sup>6</sup>
Mal súbito	"Mal súbito matou a anciã" <sup>7</sup>
Suicídio	"Tresloucado gesto de um morador de Itaiacoca" <sup>8</sup>
Indigentes	"O frio está matando indigentes" <sup>9</sup>
Inusitadas	"Recebeu o santo caiu e morreu" <sup>10</sup>
Personalidades	"O acidente da família Milleo: Morreu Maurício" <sup>11</sup>
Via pública	"Ancião morreu na via pública" <sup>12</sup>
Sem assistência	"Nenezinho morreu sem assistência" <sup>13</sup>
Outros	"Morto do que? Respondam" <sup>14</sup>

Fonte: UEPG, Museu de Campos Gerais, Diário dos Campos, Ponta Grossa, 1976-1978.<sup>15</sup>

Outro elemento observado em relação às divulgações encontradas no âmbito da coluna analisada é o uso da ferramenta imagética como instrumento para chamar a atenção do leitor sobre o caráter violento das mortes. Muitas delas são chocantes e impactantes, expondo o indivíduo morto, ao mesmo tempo em que direciona a atenção para o texto escrito como forma de o leitor obter mais informações a partir do que vê na imagem.

Num sentido oposto, as mesmas imagens que direcionam o leitor para o texto podem levar o observador a retirar o olhar desse tipo de artigo, afastando-o da sua leitura pela própria agressividade imagética, pois não são todas as pessoas que gostam ou tem curiosidade sobre essa linha de reportagem. Um dado a ser acrescentado sobre a inclusão da figura do falecido ao texto informativo é que essa referência não era uma prática habitual, tendo em vista que em apenas 20% dos casos imagem aparecia. Numa linha de análise dualista como a apresentada acima, Vilém Flusser argumenta que o "receptor pode recorrer ao artigo do

<sup>6</sup> Idem, ano LXX, nº 23. 824, 10/12/1976, p.8.

<sup>7</sup> Idem, ano LXX, nº 23.898, 24/01/1977, p.8.

<sup>8</sup> Idem, ano LXX, nº 23.898, 24/02/1977, p.8.

<sup>9</sup> Idem, ano LXIX, nº 23.626, 11/08/1976, p.8.

<sup>10</sup> Idem, ano LXX, nº 23.883, 08/02/1977, p.8.

<sup>11</sup> Idem, ano LXX, nº 23.879, 04/02/1977, p.8.

<sup>12</sup> Idem, ano LXIX, nº 23.569, 02/06/1976, p.8.

<sup>13</sup> Idem, ano LXXI, nº 24.133, 05/03/1978, p.8.

<sup>14</sup> Idem, ano LXX, nº 23.893, 18/02/1977, p.8.

<sup>15</sup> Nas notas ao lado de cada manchete que serve de exemplo indicamos a referência completa da edição em que ela se encontra.

jornal que acompanha a fotografia para dar nome ao que está vendo. Mas, ao ler o artigo, está sob influência do fascínio seu mágico" (2002, p. 57). Em relação à questão da imagem, Ivan Lima afirma que esta é compreendida de maneira mais direta e rápida quando comparada ao texto. Para ele, "a facilidade do entendimento e a sua força é que a colocaram produzida pela fotografia na vanguarda da transmissão da informação nos meios impressos" (Lima, 1988, p. 39). Revela ainda o autor que "a notícia vinculada com a fotografia em um jornal é sempre mais lida" (Lima, 1988, p. 39).

Diante dessas questões, pode-se certificar que a figura é mais forte do que a palavra e detém um poder potencial de fascinação, permitindo entrever o que os especialistas chamam de "efeito mídia de massa" e um poder de hipnose e fusão individual e coletiva, como destacou Xiberras (2006, p.04). Apesar da agressividade imagética esboçada nas reportagens, contudo, elas se transformavam em elos entre o leitor e o momento trágico do acontecimento que culminou com a morte de alguém. Sem censura, as cenas se encaminhavam para além do que habitualmente poderia ser fotografado, mostrando a vulnerabilidade do ser humano e evidenciando um lado obscuro da vida. Exemplificando essa referência temos a notícia veiculada no dia 28 de agosto de 1977, cujo título é: Identificado o puxador acidentado e morto na Vila Velha.<sup>16</sup>

Em alguns casos, a divulgação da imagem do falecido que acompanhava a notícia aparecia somente com seu rosto publicado num modelo de fotografia de tamanho três por quatro centímetros, com a legenda: Este não é Wilson Casagrande. É João Carlos Fanis, o puxador de carangos morto em acidente na Vila Velha, após roubar um fusca na Vila Velha.<sup>17</sup> Nesse caso em específico, a identificação de forma mais nítida do indivíduo, por meio da fotografia, se fazia necessária para que não houvesse dúvida sobre pessoa a quem a reportagem se referia, posto que era fundamental a clareza quanto à troca de nome do envolvido na ocorrência.

De acordo com o historiador Peter Burke, quando o material imagético compõe o núcleo documental do pesquisador, "deve-se aconselhar alguém que planeje utilizar o testemunho de imagens para que se inicie estudando os diferentes propósitos dos realizadores dessas imagens" (2004, p. 24). Tal afirmação vai ao encontro do que foi avistado na estrutura textual da coluna aqui analisada, cujas reportagens eram compostas com títulos grafados com letras em negrito e de tamanho maior em relação ao restante da redação do texto, colocação de palavras mais impactantes se comparado com as demais, e muitas vezes, chamando a atenção do leitor para suas matérias com enunciados agressivos.

Tal aspecto pode ser demonstrado nas duas chamadas que aqui citamos: Matou a passarinheira com 9 facadas;<sup>18</sup> Encontrado com a cabeça decepada;<sup>19</sup> Foram nadar e deram de cara com um pé junto;<sup>20</sup> Lavrador encontrado morto e queimado;<sup>21</sup> Morreu sangrando.<sup>22</sup>

<sup>16</sup> Idem, ano LXX nº 23.643, 28/08/1977, p. 8.

<sup>17</sup> Idem, ano LXX, nº 23, 643, 28/08/1977, p. 8.

<sup>18</sup> Idem, ano LXX, nº 23.837, 20/01/1977, p. 8.

<sup>19</sup> Idem, ano LXIX, nº 22.944, 23/03/1976, p. 8.

<sup>20</sup> Idem, ano LXX, nº 23.870, 26/01/1977, p. 8.

<sup>21</sup> Idem, ano LXX, nº 23.855, 05/01/1977, p. 8.

<sup>22</sup> Idem, ano LXX, nº 23.693, 11/10/1977, p. 8.

Não somente pelo enunciado da matéria, mas também por sua própria narrativa, diversas conjecturas podem ser elaboradas sobre o acontecido nesses casos, adquirindo a condição de ponte que faz a ligação entre a fronteira do real com o imaginário, na medida em que os receptores da informação não são sujeitos passivos da notícia veiculada. Dominique Wolton lembra que "não há imagem sem imaginário, sendo que o imaginário do produtor pode ser diferente do receptor, prevalecendo à subjetividade e emotividade de cada indivíduo" (Wolton, 2003, p. 42). Dois elementos sustentam o imaginário do leitor, a chamada para a matéria e a imagem fixada, segundo afirma Martine Xiberras:

*o imaginário, este capital pensado e não-pensado do homo sapiens, a tudo perpassa. Direcionando lógicas, racionalidades, práticas sociais e culturais. Esta perspectiva nos permite olhar para além da imagem técnica e do universo fenomênico – preso ao presente e ao instante – para buscar num tempo fora do tempo às imagens simbólicas plasmadas no ato fotográfico (2006, p. 34).*

Até a década de 1970, essa estrutura textual impactante era centrada sob forma de narrativa breve, em formato de boletins de ocorrência. A partir da década de 1970, as notícias passaram a ser veiculadas numa estrutura diferenciada, nas quais os textos eram mais longos e construídos numa versão romanceada, Modalidade que foi gradativamente substituída pela forma sensacionalista. Para exemplificar essa referência, citamos a publicação do dia 7 de setembro de 1952, que noticiou o falecimento de um jovem comerciante da cidade de Ponta Grossa, cujo título era Fugiu da vida quando mais precisa viver:

*Foi na tarde de ontem, uma linda tarde ensolarada, o céu coberto de um lindo azulado, prenunciando a chegada da primavera, e, a marcar também o mês das flores. A cidade em festa, com suas ruas repletas de flores das mais variadas cores a assinalar a recepção de Nossa Senhora Aparecida a padroeira milagrosa deste nosso Brasil. Tudo era luz e tudo era alegria, nesta nossa Princesa dos Campos o sol já não irradiava aquela mesma luz, e a limpidez do céu já se emoldurava de pequenas nuvens, como que a anunciar que alguma coisa ia acontecer. Era uma alma que fugia do mundo e se projetava no espaço celestial à procura da casa de Deus, de quem pretendia se aproximar por motivos que ninguém conhece. Esquecera-se a pobre alma que o seu dever cristão era aqui permanecer se debatendo embora com angustiantes problemas, resignadamente à espera da hora certa, infalível, em que Deus devêra chamá-la. Tudo emudeceu, para ceder lugar à notícia de que um jovem, cheio de vida, pertencente a destacada família desta cidade, fugira da vida quando mais precisava viver, dêz que, noivo, estava em preparativos para contrair núpcias, com uma jovem que muito o idolatrava. Trata-se de J D, de 24 anos de idade, filho da sra. d. F.D e do Sr. T D, de saudosa memória. O desditoso jovem, proprietário do Antártica Bar, que adquerira de data recente, vivia satisfeito, em perfeita harmonia com todas as pessoas de sua família, e, até pelas 16 horas de ontem folgazão, sorridente para com todos os amigos e freguezes do seu estabelecimento comercial, sem deixar transparecer que decidira suicidar-se. Seriam 17 horas quando o empregado do Bar, sentindo falta*

*do seu patrão que rumara para os fundos do edifício, sito à rua 15 de Novembro, nr. 272, foi procurá-lo, voltando imediatamente espavorido, pois que te para com J. caído num pequeno corredor cimentado, ainda nos últimos estertores da morte. Ao lado corpo do transloucado jovem havia u'a meia garrafa e uma colher, e da sua boca, como pelas fósas nazais, saía abundante espuma. Não havia qualquer dúvida, J. fugira à vida, pelo suicídio.<sup>23</sup>*

De uma forma ou de outra, vale enfatizar que esse lado da existência humana marcou sua presença nas páginas desse noticiário, evidenciando que a finitude humana chegava a todos indistintamente, mas que, para alguns, ela vinha de maneira violenta, podendo ser revelada através dos meios de comunicação de formatos diferentes, como o do relato apresentado acima quando comparado com as demais que foram mencionadas no decorrer do texto, ou seja, um mesmo ponto de partida, sendo traçado por distintas construções.

## Considerações Finais

Não se pode negar é que a temática morte seja um assunto que gere inúmeras discussões, principalmente por implicar numa ampla complexidade de reações, que transcendem a esfera do real e, diante disso, são de difícil mensuração acerca do modo como cada pessoa a concebe. Entende-se que a morte seja um elemento que remete ao imaginário e a representações, quando esse fenômeno irreversível frente ao que se sabe e se desconhece da vida chega mudando o que está entorno do que partiu.

Trata-se de um fenômeno que possui um caráter universal, mas que não é concebido de forma monolítica, sendo interpretado e constituído por simbolismos e ações estabelecidas nas mais diversas culturas, pautadas por representações sociais e subjetividades individuais que comprovam que o homem está fadado à sua condição de finito.

## Referências Bibliográficas

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. Summus Editorial, 1995. 151p.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora da UNESP, 1981. 355p.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 315p.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2004. 250p.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008. 332p.

<sup>23</sup> Idem, ano LXXV, nº 12.827, 07/09/1952, p. 7.



CHAVES, Niltonci Batista e PETRUSKI, Maura Regina. O Preceito do Dia: educação e saúde no Diário dos Campos (1951-1955). *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v. 18, n. 2, p. 292-315, 2013.

DAMATA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rocco: Rio de Janeiro, 1991. 368p.

ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001. 107p.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 144p.

FONTELES NETO, Francisco Linhares e LIMA, Alysso Paulo Holanda. O espaço urbano e o crime narrados pela imprensa de Mossoró (1872-1928). *Revista Crítica Histórica*. Maceió, ano 2, n. 3, p. 242-250, jul. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2761/pdf>. Acesso em 23/07/2019.

LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. 145p.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria*. São Paulo: Paulus, 2009. 278 p.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976. 327p.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 357p.

RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 392p.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991. 414p.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2003. 232p.

XIBERRAS, Martine. Mídia e violência do imaginário. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, v. 13, n. 29, p. 87-98, abril/2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3359/2615>. Acesso em 12/08/2019.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. São Paulo, v. 4, p. 89-102, 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410>. Acesso em 14/08/2019.

ZIEGLER, Jean. *Os vivos e a morte: uma "sociologia da morte" no Ocidente e na diáspora africana no Brasil e seus mecanismos culturais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. 320p.

Recebido em: 24 de agosto de 2019

Aprovado em: 01 de dezembro de 2019